

CONDITORES

† PROF. BASÍLIO FREIRE — † PROF. GERALDINO BRITES — PROF. MAXIMINO CORREIA

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

MODERADORES

PROF. MAXIMINO CORREIA — PROF. A. TAVARES DE SOUSA
PROF. HERMÊNIO CARDOSO — PROF. A. SIMÕES DE CARVALHO

INDEX

DIVALDO GASPAR DE FREITAS — <i>As Primeiras Anatomias em Língua Portuguesa</i>	N 1
LUIZ DE CARVALHO MARVÃO — <i>Duas observações de Músculos supranumerários do dorso da Mão</i>	N 2
NUNO RODRIGUES GRANDE — <i>Conjunto raro de malformações num feto humano</i>	N 3

VOL. XXXVIII



1966

« IMPRENSA DE COIMBRA, L.^{DA} »
M C M L X V I

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

Vol. XXXVIII

N.º 1

AS PRIMEIRAS ANATOMIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA *

No 2.º Centenário de Nascimento de JOAQUIM JOSÉ MARQUES
professor de Anatomia no Rio de Janeiro

POR

DIVALDO GASPAR DE FREITAS

*Ao meu Mestre de Anatomia na
Faculdade de Medicina da Universi-
dade de Coimbra nos anos lectivos
de 1933-34 e 1934-35, Professor Maxi-
mino José de Moraes Correia*

INTRODUÇÃO

A Anatomia, ciência que estuda a composição somática dos organismos e que tem por base a dissecação, é conhecida desde a Antiguidade, podendo dizer-se que

* Aula proferida no Departamento de Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a convite do titular da cadeira, Prof. Dr. Odorico Machado de Sousa, em 20-XI-1965.



os estudos anatômicos se iniciaram em Alexandria, com Herófilo (viveu por volta de 300 a.C.), que parece ter sido o primeiro que praticou a dissecação de cadáveres de homens.

Depois, durante séculos se perdeu a prática da dissecação humana, por motivos éticos e sociais. Cláudio Galeno (138-201), retomou-a e estabeleceu doutrinas que persistiram por quinze centúrias, quase sem alterações apreciáveis.

Parece que em Bolonha, sede de uma Universidade fundada em 1110 ou 1113 e com uma Escola de Medicina de reais méritos, as dissecações anatômicas foram praticadas a partir do século XIII. A um Mestre dessa Escola, Mundino de Luzzi (mais conhecido por Mondino), se deve o primeiro texto anatômico digno desse nome surgido na literatura médica mundial, intitulado «Anathomia», escrita por volta de 1316 e impressa em Pádua no ano de 1478, edição essa reproduzida por Wickersheimer, de Paris, em 1926. A «Anathomia» de Mondino, contando mais de quarenta edições, é antes um manual de dissecação do que um tratado e foi o mais usado até ao fim do século XVI, certamente porque continha, pelo menos em parte, as mais importantes indicações técnicas sob uma forma curta e concisa. As descrições anatômicas de Mondino reflectem a tradição de Galeno, cujo texto era tido como um cânon, sobre o qual não devia haver discussão (1). A nomenclatura por ele usada é extraída, uma parte, dos autores árabes, dos quais fez um estudo sério, e parte de fontes incertas, mostrando, porém, que estudou cuidadosamente o cadáver, aproveitando suas observações pessoais.

Mondino (1270-1326) foi aluno e professor em Bolonha, sendo considerado como o primeiro cirurgião de destaque no cenário médico mundial; a ele se deve a

(1) Arturo Castiglioni — História da Medicina, vol. I, pág. 398.

introdução do ensino sistemático da Anatomia no programa dos estudos médicos. Seu livro logo se tornou um texto clássico e o seu uso quase que obrigatório, durante três séculos, em muitas escolas de Medicina.

AS PRIMEIRAS ANATOMIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

A Anatomia, lançada ao mundo científico, em bases sólidas, por Mondino, foi acolhida com entusiasmo nos principais centros médicos da Europa.

Muitos e muitos anos se passaram, porém, para que os estudos anatómicos penetrassem em Portugal, pois o ensino da Anatomia só adquiriu um certo desenvolvimento a partir de 1556, nos fins do reinado de D. João III, ao se instituir no Hospital de Todos os Santos, de Lisboa, por alvará de 20 de Novembro, a «aula de anatomia e cirurgia», alguns anos mais tarde a cargo de Afonso Rodrigues de Guevara (natural de Granada, licenciado pela Universidade de Siguenza e catedrático de Anatomia na Universidade de Valladolid), que havia sido mestre em Coimbra, por nomeação régia de Junho de 1556, até 1561. Diz-se que Guevara publicou em Coimbra, em 1592, uma obra em latim, com o título «De re anatomica» (citada por Camilo Castelo Branco em «O regicida»), para o que não lhe faltaria competência, dado que a sua ciência tinha um fundo de observação pessoal, colhida em disseções humanas e animais, além de que ele conhecia ao mesmo tempo a velha e a nova Anatomia, como demonstrou em uma defesa de Galeno, nos pontos em que Vesálio o impugnou: «Galenus Impugnatur ab Andrea Vesalio in cõstruccione & usu partium corporis humani, defensio...» (Coimbra, 1559), que constitui o primeiro livro de Anatomia impresso em Portugal, mas em língua latina. Maximino Correia, no entanto, tem

a convicção de que Guevara não escreveu a «De re Anatomica», pois «os historiadores espanhóis nem sequer lhe fazem a mais pequena referência, quando é certo que ao menos em Espanha, algum exemplar devia aparecer» (2).

Os sucessores de Guevara eram de escassos méritos científicos, pelo que poderemos afirmar que até princípios do século XVIII os estudos anatómicos estavam absolutamente descurados em Portugal e que «o ensino de Guevara não teve os frutos que se deveriam esperar, se houvesse continuidade de esforços convergindo para o mesmo objectivo» (3).

Embora sem pertencer à «escola anatómica portuguesa», dado que passou toda a sua vida científica longe da sua pátria, é de toda a justiça fazer uma referência ao médico João Rodrigues de Castelo Branco, nascido em Castelo Branco em 1511, mais conhecido pelo nome de Amato Lusitano. Privando intimamente, em Ferrara, com o professor de Anatomia, João Baptista Canano, Amato Lusitano investigou os segredos anatómicos, procedendo a inúmeras autópsias cadavéricas, que lhe permitiram assentar opinião sobre particularidades de Anatomia normal e reconhecer as alterações patológicas, cujas observações exarou na sua obra «Centuriae curationum medicinalium», entre as quais avulta a antevisão das válvulas das veias, em 1547, descoberta geralmente atribuída a Fabrício d'Acquapendente (1574).

Só por volta de 1730 apareceu em Portugal um verdadeiro mestre de Anatomia: Bernardo Santucci, de Cortona (Grão Ducado da Toscana), onde nascera num dos primeiros anos do século XVIII, doutorado pela Universidade de Bolonha e que foi nomeado, por el-rei D. João V, por decreto de 4 de Fevereiro de 1732, professor de Anato-

(2) Maximino Correia — Subsídios para a História da Anatomia em Coimbra, pág. 4.

(3) Maximiano Lemos — História da Medicina em Portugal, vol. II, pág. 13.

mia no Hospital Real (Lisboa), dando a sua primeira aula em 7 de Julho desse ano.

Quinze anos de serviço docente prenderam Santucci a Lisboa, nos quais versou a Anatomia com saber moderno, positivo e prático. Mestre, mas também didata, sentiu-se na obrigação de «divulgar em utilidade de todos os vassallos de S. Majestade os seus estudos» ... «para que não só os que me ouvem se aproveitem deles, mas ainda aquelles, que me não podem ouvir, também se utilizem» (4), escrevendo a obra «Anatomia do Corpo Humano», de 471 páginas, com ilustrações de Miguel Le Bouteux, impressa em Lisboa, em português castiço, no ano de 1739, sendo a primeira Anatomia redigida em língua portuguesa.

Teria, de facto, Bernardo Santucci os conhecimentos necessários da nossa língua para redigir a sua obra em estilo tão correcto? Não há unanimidade de vistas, parecendo que ele confiou a sua tradução ao padre indo-português, Celestino Segueineau, filho de um francês, que foi médico da Rainha D. Maria Francisca de Saboia e físico-mor em Gôa; «a pureza de linguagem é tal que custa a crer que um italiano poucos anos após a sua vinda para Portugal manejasse tão correctamente o nosso vocabulário sem atropelos de gramática, e que se encontram pela obra maciezas de expressão que contrastando um pouco com a habitual linguagem dos anatomistas está perfeitamente de harmonia com a qualidade do impugnado tradutor, o P.^e Celestino Segueineau. E não só maciezas de expressão mas até particularidades de conceitos» (5). Pormenor de somenos importância, o que deve ser vincado é o valor intrínseco da obra e sobretudo a sua pureza de linguagem. Eis a opinião do douto José António Serrano: «Literariamente, já lhe significámos o nosso apreço, pela boa linguagem correcta e

(4) Bernardo Santucci — Anatomia do Corpo Humano, pág. «Dedicatória».

(5) Maximino Correia — *Op. cit.*, pág. 15.

fácil, por vezes aprimorada, copiosa de termos de bom cunho português. Cientificamente, não mente aos intuitos, quando se anuncia como recopilação compendiosa e proficiente das melhores doutrinas ao tempo conhecidas» (6).

Segundo Hermano Neves, as gravuras e o texto da Anatomia de Santucci são copiados da obra de Verheyen, anatómico belga do final do século xvii, professor em Lovaina, muito seguido na Alemanha e na Itália (7).

Para Maximiano Lemos, a Anatomia de Santucci «é geralmente considerada um bom livro e pode dizer-se afoitamente que é tradução exacta do estudo da Anatomia no século xviii» (8).

Julgo interessante ressaltar que os italianismos são raros no texto, embora vulgares nas notas marginais. Ela fixa uma rica nomenclatura de morfologia humana, que em grande parte ainda é actualmente conservada.

A Santucci (falecido em Florença, em 1764), sucedeu, na regência da cadeira de Anatomia no Hospital Real, Pedro Dufau, francês, nomeado por alvará-régio de 1 de Março de 1750. Logo nesse ano, publicou Dufau um pequeno «Manual de Osteologia». Em 1760, reuniu na sua «Exposição da Anatomia...», reeditada em 1764, o «Manual de Osteologia» e um estudo sobre «Sarcologia ou Miologia». Segundo a opinião do Prof. Serrano, «o livro é bem escrito, e tem método, clareza, sobriedade e concisão. Se fôra expurgado da chusma de galicismos repugnantes que o inquinam, era compêndio modelo no assunto que trata» (9).

(6) J. A. Pires de Lima — Bernardo Santucci e a nomenclatura anatómica portuguesa, *in* «Questões de linguagem científica», págs. 65-66.

(7) Mário Carmona — O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa, pág. 307.

(8) Maximiano Lemos — *Op. cit.*, pág. 89.

(9) Citado por Mário Carmona *in Op. cit.*, pág. 321.

ANATOMIA
DO
CORPO HUMANO,

RECOPIADA COM DOCTRINAS

Medicas, Chemicas, Filosoficas, Mathematicas, com Indices, e Estampas, representantes todas as partes do corpo humano,

Dividida em tres Livros,

E DEDICADA

AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY DE PORTUGAL

D. JOAÕ V.

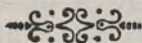
NÓSSO SENHOR,

POR

BERNARDO SANTUCCI,

NATURAL DE CORTONA, MESTRE

em Artes, e Doutor em Medicina pela Universidade de Bolonha, Medico da Serenissima Violante Beatriz de Baviera, Graõ Princcza de Toscana, e Lente Regio da Cadeira de Anatomia no Hospital Real destas Cidades de Lisboa.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XXXIX.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Embora redigido em língua portuguesa, o livro de Pedro Dufau (jubilado em Novembro de 1764) não pode ser considerado com um «Tratado de Anatomia», pois compendia apenas a osteologia e a miologia.

Um digno seguidor do trabalho produtivo de Bernardo Santucci e de Pedro Dufau foi Manuel Constâncio, nascido em Sentieiras (junto de Abrantes), em 1725 ou 1726, e que em 24 de Novembro de 1764, por merecimento próprio, foi guindado ao posto de professor de Anatomia em Lisboa, cargo que desempenhou com brilhantismo durante quarenta e um anos, quando foi jubilado por alvará de 24 de Maio de 1805.

Competente e probo anatomista, pena foi que Constâncio não tivesse deixado obra alguma impressa ou manuscrita, pela qual pudesse ser apreciado o seu valor. Entretanto, um de seus discípulos, António do Espírito Santo, recolheu as lições do Mestre num manuscrito (que em 1889 era de propriedade do Dr. Baeta Neves), com o seguinte título: «Anatomia a mais correcta, colhida de vários autores, os mais peritos que desta sciencia tem descrevido té o presente, agora novamente corregida, e aumentada assim no práctico, como no teorico segundo as melhores opiniões: ditada aos praticantes desta faculdade neste hospital de S. José por Manuel Constâncio Lente Regio desta mesma faculdade. E agora de novo descrita por Antonio do Espirito Santo, dos seus praticantes o mais humilde. Dividida em sinco tratados. Lisboa neste Hospital Real de S. José; ano de 1780». Os primeiros capítulos desse trabalho foram publicados nos «Arquivos de História da Medicina Portuguesa», vols. IV, V e VI. A exposição da matéria é clara, feita por um método rigorosamente anatómico e separada em sistemas anatómicos. Na opinião de Maximiano Lemos, «a Anatomia de Manuel Constâncio hombrearia com a de Santucci, se fosse expurgada de galicismos e de incor-

EXPOSIÇÃO
D A
ANATOMIA

QUE RESPEITA A' OSTEOLOGIA,
e a Sarcologia: a Osteologia se divide em qua-
tro partes, a primeira trata dos ossos em ge-
ral, a segunda dos ossos da cabeça, a ter-
ceira dos ossos do tronco, e a quarta
dos ossos das extremidades.

A Sarcologia, ou Myologia dá o conhecimento de to-
dos os Músculos do corpo humano.

Offerecida

AO ILLUSTRISS. E EXCELL. SENHOR
SEBASTIÃO JOSE
DE CARVALHO E MELLO,

Conde de Oeiras. do Conselho de Sua Magestade, Sen-
hor Donatario das Villas do Pombal, Carvalho, e
Cercosa, e do Reguengo, e direitos Reaes da de
Oeiras, Commendador das Commendas de S. Miguel
das tres Minas, e Santa Marinha de Matra de Lo-
bo, da Ordem de Christo, e Secretario de Estado do
Negocios do Reino, &c.

P O R

PEDRO DUFEAU,
CAVALLEIRO PROFESSOR NA ORDEM
de Christo, Anatomico Regio do Hospital Real
de todos os Santos, e antigo Cirurgião maior
nos exercitos Imperiaes, &c.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio. Anno de 1764.

Com as licenças necessarias.

Frontespicio do livro de anatomia de Dufau

recções, cuja responsabilidade nem sempre se pode imputar com justiça ao seu autor, mas sim ao discípulo que recolhia as lições» (10). Além disso, não nos devemos esquecer que Constâncio foi aluno do Mestre francês Pedro Dufau, dele recebendo forte influência, assim como de obras francesas, como a de Sabatier, onde ela também se inspira, numa época em que a nomenclatura portuguesa só estava iniciada.

Filho da escola cirúrgica de Lisboa e discípulo de Manuel Constâncio, surge em Coimbra, a convite do Marquês de Pombal, o pernambucano José Correia Picanço, que ali ocupou a cátedra de Anatomia de 1779 a 1790, prestigiando-a sobremaneira.

Pelo aviso-régio de 26-IX-1786, foi ordenado aos professores da Universidade de Coimbra que escrevessem, com a possível brevidade, os livros de texto para as lições nas aulas, como era da sua obrigação; em 23 de Novembro teve a Faculdade de Medicina conhecimento oficial dessa determinação e no dia 2 do mês seguinte distribuíram os vogais do Conselho da Faculdade, entre si, o serviço recomendado naquele Aviso, cabendo a José Correia Picanço escrever o compêndio de «Anatomia e Arte Obstetrícia». Não se sabe se Picanço deu execução à sua tarefa; o Prof. Serra de Mirabeau esclarece: «Os trabalhos dos outros professores (entre os quais Correia Picanço) não chegaram a estado de lograrem a publicidade pela imprensa; todos ficaram incompletos, todos com o andar do tempo se consumiram. Sabemos pelas actas das congregações que alguns vogais deram por vezes conta do adiantamento de seus escritos, e apresentaram alguns fascículos, pedindo à Faculdade que os censurasse. É de presumir que levariam a cabo as obras começadas,

(10) Maximiano Lemos — *Op. cit.*, pág. 103.

se as exigências de outras obrigações e o peso dos anos lhes não servissem de estorvo constante. Picanço alcançou a jubilação em 1790; tinha encanecido no serviço da Universidade, estava mais disposto para descansar



JOSÉ CORREIA PICAÑO

das fadigas de largos anos, do que para escrever compêndio na última quadra da vida» (11).

Orlando Sattamini Duarte aventa a hipótese de Correia Picanço ter sido o tradutor «anónimo» do «Tratado» de

(11) Bernardo António Serra de Mirabeau — Memória histórica da Faculdade de Medicina de Coimbra..., pág. 100.

Sabatier, que desde os primeiros momentos do século XIX apareceu em tradução portuguesa, em seis volumes, publicado pela Tipografia Rolandiana, de Lisboa, lembrando que Correia Picanço era genro do Mestre gaulês (12).

A segunda Anatomia escrita em língua portuguesa é da autoria de José Soares de Castro (nascido em Portugal em 1772 e falecido na Baía em 1849), formado no Hospital de São José de Lisboa e escolhido por Correia Picanço para dar lições teóricas e práticas de Anatomia e de Operações Cirúrgicas na Escola de Cirurgia da Baía (fundada por carta-régia de 18-II-1808). Trata-se de um manual, onde o professor arquivava as lições que dava aos seus alunos e que eram recopiladas de diversos tratados daquela época. Publicada em sucessivos fascículos (o primeiro, «Elementos de Osteologia Pratica» é de 1812 — Bahia), traduziam conhecimentos anatómicos pouco profundos do seu autor e, sob o ponto de vista da clareza e da propriedade de linguagem, algo ficava a dever à «Anatomia» de Santucci, publicada setenta e três anos antes.

Essa obra de Soares de Castro deve ser raríssima. A Faculdade de Medicina da Baía, que Soares de Castro serviu durante vinte anos, como seu primeiro professor de Anatomia, não a possui, como tive ensejo de verificar, certamente destruída pelo violento incêndio que irrompeu, misteriosamente, em 5 de Março de 1905, no velho prédio onde fora o Colégio dos Jesuítas, e que reduziu a cinzas a preciosa biblioteca da Faculdade. Carlos Costa, em seu «Catálogo da Exposição Médica Brasileira» (Rio, 1884), assinalava o 1.º volume como existente na Biblioteca da

(12) Orlando Sattamini Duarte — O ensino da Anatomia no Rio de Janeiro, in *Folia Clinica et Biologica*, S. Paulo, vol. 27, pág. 189.

Faculdade de Medicina da Baía. Segundo informações colhidas no Rio de Janeiro, nem na Biblioteca Nacional nem na Biblioteca da Faculdade Nacional de Medicina existe esse compêndio de Anatomia.



JOSÉ SOARES DE CASTRO

O saudoso Prof. Pires de Lima, da Faculdade de Medicina do Porto, possuía quatro volumes da autoria de Soares de Castro:

- a) — Elementos de Osteologia Pratica — 1812. 99 pgs. + 10 inum. (dedicado a José Correia Picanço);
- b) — Tratado de Anatomia. Da Myologia, parte II. Bahia, 1813; 176 pgs.;

- c) — Tratado de Anatomia. Da Angiologia, parte III, Bahia, 1814, 236 pgs.;
- d) — Tratado de Anatomia. Da Nevrologia, parte IV. Bahia, 1815, 112 pgs., estando convencido de que «ficaria incompleto o Tratado de Anatomia de Soares de Castro», pois não conhecia a descrição do sistema nervoso central, que não foi versado na Parte IV, nem a Esplancnologia, nem a Estesiologia (13).

Licurgo Santos Filho informa, entretanto, que Soares de Castro publicou a Parte V, «Da Splancnologia» (Bahia, 1820) e que todos os compêndios do Mestre baiano foram reunidos num «Tratado de Anatomia», em cinco volumes (14), apoiado, aliás, em informação dada por Sacramento Blake (15).

Maximiano Lemos, consciencioso investigador da História da Medicina Portuguesa, conheceu apenas uma parte da obra de Soares de Castro, tecendo estas considerações: «a ajuizar por ella, não eram profundos os conhecimentos anatómicos do cirurgião bahiano. Os seus Elementos de Osteologia são extraídos de Boyer, de Sabatier e de um anónimo que com toda a probabilidade era Manuel Constâncio» (16).

A reprodução dos «Elementos de Osteologia Pratica» que apresento, fiquei a dever à gentileza do Prof. Dr. Maximino Correia, de Coimbra, que possui esse volume em sua biblioteca particular.

(13) J. A. Pires de Lima — Como foi iniciado o ensino da Anatomia no Brasil, in Brasília, vol. II, pág. 384.

(14) Licurgo Santos Filho — História da Medicina no Brasil, vol. I, pág. 199.

(15) Sacramento Blake — Dicionário Bibliografico Brasileiro, vol. V, pág. 208.

(16) Maximiano Lemos — *Op. cit.*, pág. 290.

ELEMENTOS
DE
OSTEOLOGIA
PRÁTICA,

OFFERECIDOS

A O

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR

JOSE' CORREIA PICANÇO,

*Cavalleiro Professo, e Commendador da Ordem, de Christo;
Cavalleiro da Ordem da Torre, e Espada, Fidalgo da
Real Casa, do Conselho do Principe Regente Nosso Se-
nhor, Seu Medico, e Primeiro Cirurgião da Real Camera,
Lente Jubilado pela Universidade de Coimbra, Cirurgião
Mór do Reino, e Conquistas, &c.*

P O R

JOSE' SOARES DE CASTRO

*Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Cirurgião Mór,
do Real Hospital Militar, Lente da Cadeira Regia de Ana-
tomia, e Operações Cirurgicas, e Delegado do Cirurgião
Mór dos Reges Exercitos na Cidade, e Capitania da Bahia.*

BAHIA:

ANNO M. DCCC. XII.

NA TYPOGRAPHIA DE MANOEL ANTONIO
DA SILVA SERVA.

Côm as licenças necessarias.

Saiu de Coimbra a terceira Anatomia em língua portuguesa, no ano de 1818. Foi seu autor Francisco Soares Franco, natural de Loures, doutorado em Medicina em 1797 e nomeado catedrático de Anatomia em 1806,



(Retrato de Soares Franco — anexo à pág. 26 de «Subsídios para a História da Anatomia em Coimbra» — Maximino Correia)

cuja cadeira regeu, com notável brilho, por espaço de dezassete anos.

Intitulada «elementos de Anatomia», em dois volumes, foi escrita, segundo depoimento do Autor, porque «... não

ELEMENTOS
DE
ANATOMIA

COMPOSTOS POR
FRANCISCO SOARES FRANCO

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO,
DOUTOR EM MEDICINA,
LENTE DE ANATOMIA, OPERAÇÕES CIRURGICAS E ARTE OBSTETRICIA
NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
SOCIO LIVRE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

PARA USO DE SEUS OUVINTES.

T O M . I .



COIMBRA:
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1818.

(Reprodução do frontispício do I vol., existente na Biblioteca do Prof. Maximino Correia)

temos della um unico Tratado elementar em nossa língua, quando ha tantos em todas as outras da Europa: encher este vasio foi o principal motivo porque nos resolvemos a empreender o presente trabalho» (17).

A carta-régia de 27-VII-1819, determinava que o Compêndio de Anatomia feito por Soares Franco «sirva na respectiva aula, recebendo em recompensa huma pensão anual de 50\$ Rs., em gratificação de seo util e importante trabalho» (18).

«Elementos de Anatomia», embora sem uma única gravura, eram um excelente resumo dos conhecimentos anatómicos da época, vindo substituir, com grande vantagem, uma anónima tradução portuguesa da Anatomia de Sabatier («Tratado completo de Anatomia ou descrição de todas as partes do corpo humano; escrito em francez por M. Sabatier e trasladado em vulgar»), em quatro volumes, editada em Lisboa em 1801 e 1802, não só porque esta não estava actualizada para a época, como a tradução não seguira fielmente o original.

O livro de Soares Franco foi excelentemente acolhido, o que justificou uma segunda edição em 1825. Por ele se efectuou a educação anatómica dos médicos portugueses, tanto de Coimbra como de Lisboa e Porto. «E real serviço foi este prestado à instrução, diz Maximiano Lemos, visto que não seria fácil escolher no estrangeiro livro que melhor fosse adaptado ao fim a que se destinava, além de que, escrito em português, fixava a terminologia, acabando com barbarismos que a cada passo se encontravam nos autores contemporâneos» (19). Soares Franco expõe sucinta e claramente e as diferentes partes do livro acham-se convenientemente distribuídas.

Depois da obra de Soares Franco, apareceu o «Com-

(17) Francisco Soares Franco — Elementos de Anatomia, vol. I, pág. II.

(18) In Livro de Registo das Cartas Régias, Alvarás, Decretos e Avisos (1819 — Arquivo da Universidade de Coimbra, pág. 4.

(19) Maximiano Lemos — *Op. cit.*, pág. 290.

pendio da Anatomia humana, ou Elementos da Anatomia em Geral, e Descritiva do Corpo Humano», da autoria de Joaquim José Marques, em três tomos, publicados no Rio de Janeiro em 1829.

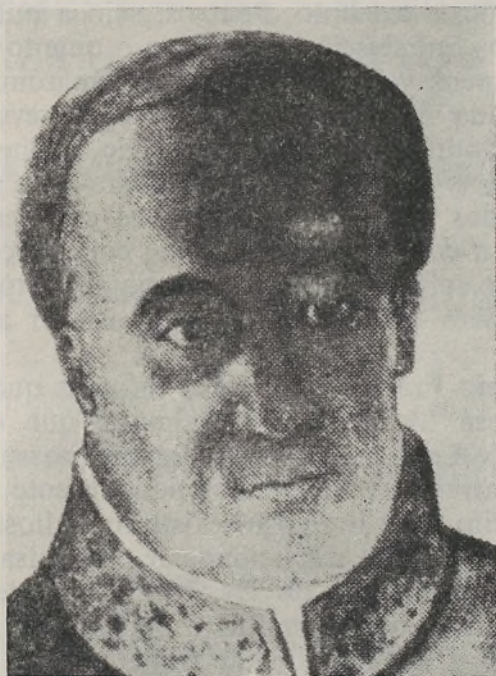
Joaquim José Marques nasceu em Portugal, em 15 de Agosto de 1765 (há dois séculos) e faleceu no Rio de Janeiro, em Julho de 1839, segundo Fernando de Magalhães (20), ou em 28-VII-1841, como refere Licurgo Santos Filho (21). Devia ter-se formado no estrangeiro, pois o seu nome não consta do Arquivo da Universidade de Coimbra, segundo paciente pesquisa feita, a meu pedido, pelo diligente funcionário Sr. Guilherme dos Santos Bernardino; também não passou pelo Hospital de São José, de acordo com recente informação do Dr. José Timóteo Montalvão Machado (ilustre médico e historiador, residente em Lisboa), após cuidadosas investigações no arquivo daquele nosocómio. Foi cirurgião-mor do reino de Angola, de onde passou ao Rio de Janeiro, e cirurgião da Imperial Câmara. Por decreto de 5-XI-1808, foi provido na regência da cadeira de Anatomia, da «Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro» (fundada ou inaugurada por decreto de igual data), com o ordenado anual de 600\$000, devendo ensinar «Anatomia teórica e prática e fisiologia, segundo as partes e sistemas da máquina humana», substituindo a Joaquim da Rocha Mazarém (natural de Chaves), primeiro professor de Anatomia no Rio (nomeado a 2-IV-1808).

Joaquim José Marques exerceu o professorado efectivo durante trinta anos, sendo Mestre do «Colégio Médico-Cirúrgico», da «Academia Médico-Cirúrgica»

(20) Fernando de Magalhães — O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pág. 237.

(21) Licurgo Santos Filho — *Op. cit.*, pág. 240.

(criada pelo alvará de 1-IV-1813) e da Faculdade de Medicina (criada em 1832), jubilando-se em Setembro de 1838. Para pertencer à Faculdade, teria de possuir o título de doutor, o qual lhe foi concedido com perto de setenta



JOAQUIM JOSÉ MARQUES

anos de idade e vinte e cinco de magistério, sendo o primeiro a receber semelhante láurea.

Joaquim José Marques, na «Introdução» do seu «Compêndio», justifica o aparecimento da obra: «As pessoas instruidas na ardua sciencia anatomica bem conhecem que, desde Bichat, os escritores não tem feito mais que reduzil-a a hum methodo mais ou menos minucioso, mais ou menos disfarçado, e acomodado a seu modo, e gosto particular... Também desejo que os mesmos

instruidos conexão, que por vontade de ser util, ... me obriguei a huma tarefa, que seria tanto acima de minhas poucas forças, quanto mais me afastasse das doutrinas do grande Bichat. He pois ao abrigo das bellas considerações, experiencias, e observações deste chefe da anatomia que, a exemplo d'outros, saio a publico; apresentando aos que desejão instruir-se o quanto ha de mais util, e indispensavel na vasta sciencia anatomica ... para o que a nada meu poupei ... já, e sem prevenção, estudando as doutrinas dos authores de melhor nota; já consultando as de outros; confrontando-as, e procurando os certificados de sua realidade nos cadaveres, com o designio de a ensinar com utilidade; com precisão, e com vistas de não sobrecarregar a memoria dos estudantes com teorias... Será fortuna minha se satisfazer a tão justas intenções».

Inocência Francisco da Silva informa que a obra de Joaquim José Marques é raríssima e que o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro possui um exemplar (22); entretanto, segundo notícia recente e digna de todo o crédito, esse livro não existe na valiosa biblioteca do «Gabinete». Tive a felicidade de compulsar um exemplar, graças à gentileza do Dr. José Aires Neto (médico em São Paulo), que permitiu a feitura da reprodução fotográfica que documenta este trabalho.

O «Compêndio da Anatomia Humana» de Joaquim José Marques compõe-se de três volumes:

a) — o I tomo contém 377 páginas de texto, estando dividido em dois capítulos: a «1.^a Parte» trata dos «Sistemas concernentes ao aparelho locomotor passivo, assim em geral como em particular» e a «2.^a Parte», da «Miologia»;

b) — o II tomo trata de «Da Anatomia Descritiva.

(22) Inocência Francisco da Silva — Dicionário bibliográfico..., vol. IV, pág. 105.

COMPENDIO

DA

ANATOMIA HUMANA,

OU

ELEMENTOS DA ANATOMIA EM
GERAL, E DISCRITIVA DO
CORPO HUMANO.

OBRA INTERESSANTE AOS ESTUDANTES

DA

ACADEMIA MEDICO-CIRURGICA
DESTA CORTE

OFFERECIDA

AOS AMANTES DA SCIENCIA.

POR

JOAQUIM JOSE MARQUES,

*Professo na Ordem de Christo, Cirurgião da Imperial
Camara, Lente do 1.º anno da Academia
Medico-Cirurgica, &c. &c.*



TOM. I.

RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.

. 1829.

Aparelhos das sensações exteriores ou órgãos dos sentidos exteriores», onde são descritos, também, os aparelhos digestivo, respiratório, circulatório e génito-urinário (êste constituído pelos aparelhos urinário, da geração, genital feminino e da germificação); tem 254 páginas;

c) — o III tomo, de 320 páginas, abrange dois capítulos: «Do aparelho dos sentidos interiores» (sistema nervoso) e «Da angiologia».

Àcerca do valor do trabalho de Joaquim José Marques, um de seus continuadores na regência da cátedra de Anatomia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1881 a 1891), o Prof. José Pereira Guimarães, emitiu o seguinte parecer: «Apesar de resumido, de não ter uma única gravura e de ser bastante antigo, prima pela muita clareza e exactidão» (23). E, em nossos dias, o Prof. Benjamim Baptista diz que o Autor revela «espírito fino de investigador» (24).

A quinta Anatomia escrita em língua portugueza deve-se a um médico brasileiro, José Maurício Nunes Garcia, mestre que se seguiu a Joaquim José Marques na regência da cátedra, e intitula-se: «Curso Elementar de Anatomia Humana ou Lições de Anthropotomia», em dois volumes, publicados no Rio de Janeiro, o 1.º em 1854 (com perto de 400 páginas) e o 2.º no ano seguinte (com cerca de 500 páginas), sem uma única estampa.

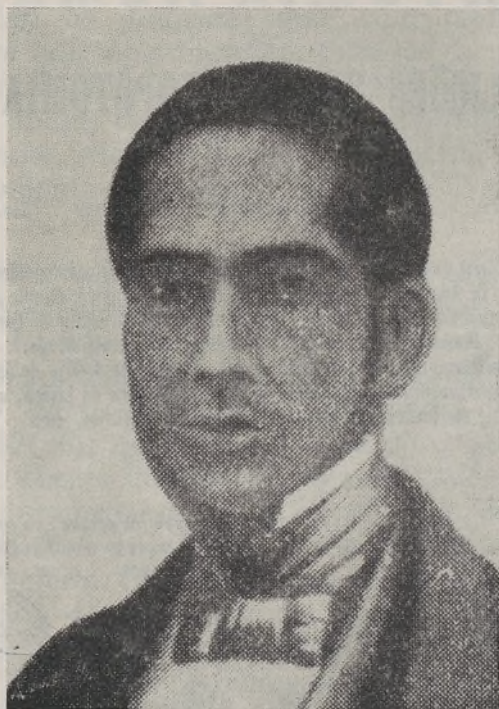
José Maurício Nunes Garcia era filho do P.^e José Maurício (grande músico e compositor), tendo nascido no Rio de Janeiro em 10-XII-1808.

Cirurgião formado pela Academia Médico Cirúrgica do Rio de Janeiro, em 1831, foi nomeado, por concurso,

(23) José Pereira Guimarães — Tratado de Anatomia Descritiva, vol. I, «Introdução».

(24) Citado por José Ayres Neto, in O estudo da Anatomia no Brasil — Primórdios do seu ensino, pág. 28.

lente-substituto para a Secção de Cirurgia, e depois lente de Anatomia da Faculdade de Medicina dessa cidade, em Novembro de 1839, jubilando-se em 1857, a seu pedido, por se sentir doente, descrente, cansado e desanimado,



JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA

ao fim de dezoito anos de professorado, numa «cátedra que tanto amou, porque tanto lhe custou conquistá-la». Era membro-correspondente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 18-X-1884, sendo considerado, por Sattamini Duarte, como «o maior anatomista que teve o Brasil» (25).

(25) Orlando Sattamini Duarte — *Op. cit.*, pág. 195.

CURSO ELEMENTAR
DE
ANATOMIA HUMANA
OU
LIÇÕES DE ANTHROPOTOMIA

DO

Dr. José Mauricio Nunes Garcia

Official da Imperial Ordem da Rosa, por S. M. o Imperador.
Professor de Anatomia Descritiva da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.
Cirurgião Formado da Antiga Academia Medico-Cirurgico da Corte, e
Doutorado na Faculdade de Medicina da mesma cidade.
Membro Honorario da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro;
Correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, e
do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, etc.

*Tudo morre ou percece : os typos são os
mesmos. mas as obras publicadas são
sempre novas !... (M. de MARICÁ).*

Muchiano G. S. P.



2ª ed. Harco de 1868 -

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA DE LUIZ DE SOUSA TEIXEIRA

Praça da Constituição n. 21.

—
1854.

Em «Ao Leitor», Nunes Garcia esclarece: «Dando à estampa estas lições do curso elementar de Antropotomia que fiz na escola de medicina da côrte, em 1840, não tenho em vistas outra cousa mais do que a necessidade, sentida por todos, de um livro em que meus discipulos achem coordenadas, as doutrinas que, com tanto custo, só bebiam até hoje nos diferentes tratados ... Não há pois nestas minhas lições de Anatomia Humana, senão pura exposição do que cada um pode ler a respeito em Cruveilhier, Blandin, Meckel, Bourgeroy, Marjolin, Lauth, Meygrier, Boiemont, e outros;».

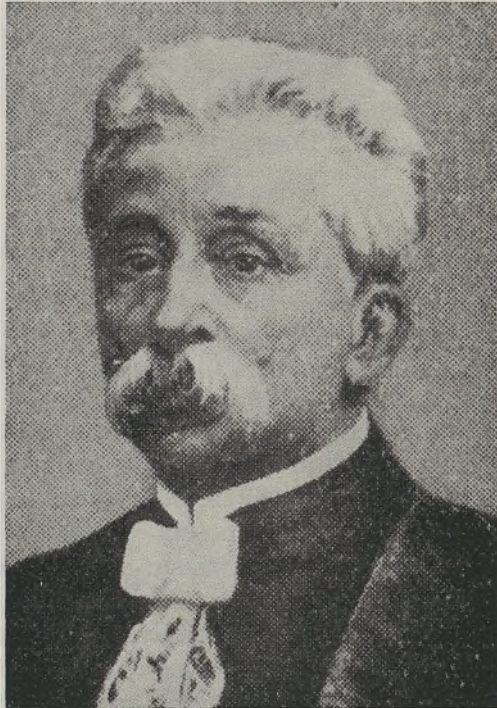
A José Pereira Guimarães se deve a publicação de uma outra Anatomia em língua portuguesa: «Tratado de Anatomia Descritiva», em três volumes, impressa no Rio de Janeiro, em data que não está devidamente esclarecida, parecendo tratar-se de 1884. Fernando de Magalhães indica 1882 (26); no frontispício da obra, porém, há esta indicação: «Lente interino de segunda cadeira de Clínica Cirúrgica durante o ano de 1882», pelo que é de presumir-se que a impressão do «Tratado» seja posterior a esse ano.

José Pereira Guimarães nasceu no Rio de Janeiro, em 1-X-1843 e ali faleceu em 21-III-1915. Foi lente-catedrático de Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1881, ascendendo ao magistério depois de longa vida como médico-naval. Jubilou-se em Janeiro de 1891.

Pereira Guimarães resolveu escrever o seu «Tratado», porque «Apesar de não ser pequeno o número de trabalhos sobre a Anatomia Descritiva, no entanto, ninguém o desconhecerá, notava-se uma lacuna sensível na literatura médica nacional: era a falta de um livro que estivesse nas

(26) Fernando de Magalhães — *Op. cit.*, pág. 242.

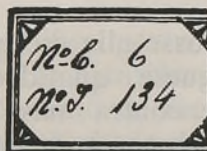
condições de satisfazer as exigencias actuaes do ensino da Anatomia. O que havia era apenas os livros dos profs. Soares Franco, de Coimbra, e Marques, do Rio de Janeiro, além das lições do prof. Nunes Garcia. Os tra-



JOSÉ PEREIRA GUIMARÃES

balhos de Soares Franco e Marques merecem porém, ser mencionados com toda a consideração, porque, apesar de resumidos, de não terem uma única gravura, e de serem bastante antigos, primam, no entanto, por muita clareza e exactidão. Na confecção do presente livro, envidámos todos os esforços, não só para que a parte scientifica fosse o mais exacta e completa possível, mas também para que

TRATADO



DE

ANATOMIA DESCRIPTIVA

PELO PROFESSOR

DR. JOSÉ PEREIRA-GUIMARÃES

Lente cathedratico de Anatomia Descriptiva da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
Lente interno da segunda cadeira de Clinica Cirurgica da mesma Faculdade, durante o anno de 1882,
Cirurgião da Casa de Saúde de Nossa Senhora d'Ajuda, Cirurgião adjunto dos
Hospitales de S. Francisco de Paula e da Misericordia, Membro titular da Imperial Academia
de Medicina do Rio de Janeiro, Membro honorario da Sociedade Pharmaceutica do Rio de Janeiro, Membro
correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, da Academia
de Sciencias da mesma cidade, da Sociedade de Hygiene de Paris, Cirurgião voluntario da
Marinha Brasileira durante a guerra do Paraguay, Cavalleiro das Ordens do
Cruzeiro e Rosa, condecorado com as medalhas dos combates de Corrientes e naval de Riachuelo, e
da campanha do Paraguay, Commendador da Ordem de Christo de Portugal, etc.

Illustrado com mais de 400 gravuras, muitas das quaes coloridas

1º VOLUME

RIO DE JANEIRO

H. LAEMMERT & C., Livreiros-Editores

66, RUA DO OUVIDOR, 66

fôsse elle escripto em linguagem verdadeiramente portuguesa, qualidade esta que infelizmente nem sempre se encontra nas publicações scientificas. Em relação à Anatomia, tornava-se mesmo uma necessidade acabar com os vocábulos viciosos e errados, de que se usão entre nós, sobretudo em relação à nomenclatura. ... Este trabalho não é o resultado de uma mera leitura, mas sim de disseções sérias e constantes sobre o cadaver» (27).

O livro de Pereira Guimarães contém grande número de gravuras, muitas das quais coloridas, em parte desenhadas sobre madeira pelo Sr. Lopes Rodrigues e executadas pelos Srs. Pinheiro, pai e filho, todos eles artistas brasileiros de bastante mérito. Uma grande parte dessas gravuras, porém, não tem o nome do seu autor.

No último quartel do século XIX, pontificava em sua cátedra, em Lisboa, o maior dos anatomistas portugueses de todos os tempos: José António Serrano, nascido em Castelo de Vide em 1-X-1851. Formou-se pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1875 e em 12-III-1878 foi nomeado preparador e conservador do Museu de Anatomia; no ano lectivo de 82-83 principiou a reger a cadeira de Anatomia, especialidade em que se notabilizou.

Não podemos atribuir ao Prof. Serrano a feitura de um Tratado de Anatomia, na verdadeira acepção do termo, pois êle não orientou os seus escritos nesse sentido. No entanto, publicou dois trabalhos de fôlego, qualquer dêles digno de figurar nos mais seleccionados núcleos bibliotecários do mundo anatómico: «Manual sinóptico de Anatomia Descritiva» (1892) e «Tratado de Osteologia Humana» (1895 e 1897). O primeiro, diz o Prof. Henrique de Vilhena, «teve o inestimável merecimento de adaptar à nossa língua a nomenclatura anatómica do nosso tempo, uma das mais eruditas e extensas nomenclaturas cientí-

(27) José Pereira Guimarães — Tratado de Anatomia Descritiva, vol. I, «Introdução».

ficas; e por isso perdurará na literatura científica portuguesa, e, como pura realização de um objecto científico e expressão de métodos tem ainda o merecimento de ser primorosamente executado» (28). Quanto ao «Tratado de Osteologia Humana», em dois tomos (I: Tronco; II: Membros), perfeito na ciência anatómica da sua época, está vasado em linguagem castiça, estilo que o Prof. Serrano sempre empregou em todos os seus escritos: «vernáculo, muito correcto, de frase plena, conceituosa, lógico e claro na composição do período, no seguimento deles, dando ao conjunto, não só, apesar da forma um tanto erudita, a aparência de facilidade, mas ainda uma organização construtiva architectural de uma extraordinária solidez e segurança» (29).

Eis apresentadas, sob uma forma ligeira, as primeiras Anatomias vasadas em língua portuguesa. A terminologia anatómica pròpriamente dita nelas contida difere sensivelmente de autor para autor, o que não deve causar estranheza, pois ainda em nossos dias verifica-se o mesmo facto. Em Portugal, por exemplo, a literatura anatómica não emprega uma linguagem científica uniforme, sendo muitos os vocábulos que se escrevem e pronunciam de maneiras diferentes.

Em Fevereiro de 1937, na V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, o Prof. Maximino Correia, então lente de Anatomia Descritiva e Topográfica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, propôs que fosse nomeada uma comissão encarregada de elaborar um vocabulário tendente a unificar a nomenclatura anatómica portuguesa. No ano seguinte, o Prof. Henrique de Vilhena ampliou o projecto de Maximino Correia, propondo que a Sociedade Anatómica Portuguesa orga-

(28) Henrique de Vilhena — José António Serrano, *in* Arquivo de Anatomia e Antropologia, vol. IX, 1925, pág.

(29) Henrique de Vilhena — *Op. cit.*, pág.

nizasse a nomenclatura de todas as ciências morfológicas, lembrando a distribuição da tarefa por vários membros da entidade. Ao Prof. Pires de Lima coube a organização da nomenclatura teratológica portuguesa, de cuja missão se desincumbiu, inserindo o trabalho na obra «Questões de linguagem científica» (1942), sob o título de «Vocabulário Teratológico».

Essa iniciativa lusitana, porém, não foi levada a bom termo, infelizmente, devido a doenças e morte de alguns de seus mais entusiastas propugnadores. Ela seria o coroamento de um trabalho pertinás levado a efeito pelos anatómicos de todo o mundo, concernente à criação de uma nomenclatura anatómica padrão, cujo primeiro sucesso poderemos remontar a 1895, com o aparecimento da «Basle Nomina Anatomica», comumente abreviada «B.N.A. — 1895». Sucessivos éxitos se observaram, com o correr dos anos, podendo apontar-se, como os mais importantes:

a) — em 1933 foi feita pela «Anatomical Society of Great Britain and Ireland» a revisão da «B.N.A. — 1895», ficando conhecida pela «B.R.» (British Revision);

b) — Quase na mesma época procedeu-se a outra revisão, a «Jena Nomina Anatomica» (J.N.A.);

c) — em 1936, no IV Congresso Internacional de Anatomia, realizado em Milão, ficou constituída a «Comissão Anatómica Internacional»;

d) — em 1950, no V Congresso, em Oxford, foi nomeada uma «Comissão Internacional de Nomenclatura Anatómica» (I.A.N.C.), que entendeu ser conveniente constituir sub-comissões, cada uma das quais seria convidada a rever uma determinada parte. A sub-comissão de Esplancnologia ficou a pertencer o saudoso Prof. Celestino da Costa, da Faculdade de Medicina de Lisboa;

e) — finalmente, em 1955, foi apresentada ao VI Congresso, na «Cidade-Luz», uma nova nomenclatura, «Nomenclatura Anatómica de Paris» («P.N.A. — 1955»), em língua latina, aprovada pelos participantes, texto lar-

gamente difundido pelo Brasil e que também chegou a Portugal, graças aos «Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental» (vol. XX, n.º 1, Jan.-Fev. 1957), por gentileza do Laboratório Clímax, de São Paulo, atendendo a solicitação do Prof. Odorico Machado de Sousa.

A «Sociedade Brasileira de Anatomia», em sua II Reunião, realizada no Rio de Janeiro de 29 a 31 de Outubro de 1956, aprovou, por unanimidade, uma moção, no sentido de ser feito um apelo às revistas médicas nacionais, para que observem a nomenclatura anatômica oficial, em sua forma original, a latina, aprovada no VI Congresso de Paris, a «P.N.A. — 1955». E a «Comissão de Nomenclatura» dessa entidade brasileira, constituída pelos Profs. Paulo Mangabeira Albernaz, Álvaro Froes da Fonseca e Renato Locchi, ficou encarregada de preparar a versão, em português, da Nomenclatura Anatômica de Paris, a qual foi aprovada na Reunião da «Sociedade Brasileira de Anatomia» realizada em Porto Alegre, a 31-X-1958. Essa versão foi publicada nos «Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental» (vol. XXIV, n.º 3-4, Maio-Agosto 1961) e enviada aos principais anatomistas de Portugal e a todos os estudiosos dessa matéria no Brasil, por intermédio do Laboratório Clímax, a pedido do Prof. Odorico Machado de Sousa.

É essa versão em português que a «Escola Anatômica Brasileira» adoptou e está a empregar em todos os seus trabalhos, na louvável tarefa de unificar a nomenclatura em nosso país, medida do maior alcance e que bem merece a gratidão de todos os estudantes de Medicina.

Neste ano de 1965 transcorre o 2.º centenário de nascimento de Joaquim José Marques, cirurgião que «o Príncipe-Regente foi servido de o nomear lente da cadeira de Anatomia para o Hospital Real Militar desta Côrte, atendendo ao reconhecido préstimo e inteligência...» (30),

(30) Licurgo Santos Filho — *Loc. cit.* pg. 201.

por carta de 5-XI-1808, que se tornou o terceiro Mestre oficial de Anatomia que o Brasil possuiu e que nos legou um volumoso e meritório «Compêndio da Anatomia Humana», vasado em linguagem pura e escorreita, nesse idioma que o nosso grande Bilac chamou de

«Última flor do Lácio, inculta e bela

.....

Que tem o trom e o silvo da procela
É o arrôlo da saudade e da ternura!»,

êsse

«... rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: «meu filho!»
e em que Camões chorou, no exílio amargo,
O génio sem ventura e o amor sem brilho!» (31).

Neste ano de 1965, rendamos as nossas homenagens a Joaquim José Marques, pelo muito que trabalhou na extensa seara anatómica, ajudando a enaltecer a Cultura Hipocrática Nacional da primeira metade do século XIX.

Estes ligeiros «apontamentos» históricos que apresentei, abordando «as primeiras Anatomias em língua portuguesa», representam a minha modestíssima contribuição a essa grande figura de estudioso da Anatomia, que durante trinta anos se debruçou sobre o cadáver para nele colher preciosos ensinamentos, que distribuiu, a mãos-cheias, por tantas gerações de médicos do nosso estremecido Brasil.

A Joaquim José Marques, a nossa homenagem e também o nosso profundo reconhecimento pela extraordinária e múltipla lição que nos legou, de amor ao estudo, de perseverança no trabalho, de fidelidade à ver-

(31) Olavo Bilac — Poesias, pág. 262.

dade, de respeito ao idioma, e sobretudo de exaltação à Ciência Médica Brasileira, património que temos o dever de zelar e de engrandecer ainda mais, se possível fôr, para que a nossa Pátria seja ouvida e respeitada nas assembleias científicas das mais proeminentes e destacadas Nações do globo, para honra e glória de todos os brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- Anaes* da Academia Nacional de Medicina, Rio, 1928.
- Arquivos de Cirurgia Clínica e Experimental, São Paulo, vols. XX, n.º 1, 1957 e XXIV, n.º 3-4, 1961.
- BILAC, Olavo — Poesias, Rio, Livr. Francisco Alves, 25.ª edição, 1954.
- CARMONA, Mário Reis de Figueiredo — O Hospital Real de Todos-os-Santos da Cidade de Lisboa, Porto, Impr. Portuguesa, 1954.
- CASTIGLIONI, Arturo — História da Medicina (trad. de R. Laclette), São Paulo, Comp. Edit. Nac., 1947.
- CORREIA, Maximino — Subsídios para a história da Anatomia em Coimbra (separata da «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. XXIV, n.º 2, 1950).
- DUARTE, Orlando Sattamini — O ensino da Anatomia no Rio de Janeiro, *in* Folia Clinica et Biologica, São Paulo, vol. 27.
- FRANCO, Francisco Soares — Elementos de Anatomia, Coimbra, Real Impr. da Universidade, 1818.
- FREITAS, Divaldo Gaspar de — Brasileiros, professores de Medicina em Coimbra (separata da «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. XXVIII, n.º 1, 1953).
- GARCIA, José Maurício Nunes — Curso elementar de Anatomia Humana, Rio, Impr. de Luiz de Sousa Teixeira, 1854.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira — vários vols., Lisboa, Editorial Enciclopédia.
- GUIMARÃES, José Pereira — Tratado de Anatomia Descritiva, Rio, H. Laemmert, s/d.
- LEMONS, Maximiano — História da Medicina em Portugal, Lisboa, Manuel Gomes Edit, 1899.
- LIMA, J. A. Pires de — Questões de linguagem científica, Porto, Domingos Barreira Edit., 1942.
- — Como foi iniciado o ensino da Anatomia no Brasil, *in* «Brasilia», vol. II, Coimbra, 1943.
- — Epítome de História da Medicina Portuguesa, Porto, Portucalense Edit., 1943.
- Livro* de Registo de Cartas Régias, Alvarás, Decretos, e Avisos (1819), *in* Arquivo da Universidade de Coimbra.
- MAGALHÃES, Fernando de — O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832-1932), Rio, Tip. A. P. Barthel, 1932.

- MARQUES, Joaquim José — *Compêndio de Anatomia Humana*, Rio, Tip. Imperial, 1829.
- MIRABEAU, Bernardo António Serra de — *Memória histórica da Faculdade de Medicina...*, Coimbra, Impr. Univers., 1872.
- NETO, José Ayres — *O estudo da Anatomia no Brasil — Primórdios do seu ensino*, (separata da «Revista de Medicina e Cirurgia de S. Paulo», Vol. IX, n.º 4, 1949).
- SANTOS FILHO, Licurgo — *História da Medicina no Brasil*, S. Paulo, Edit. Brasiliense, 1947.
- SANTUCCI, Bernardo — *Anatomia do Corpo Humano*, Lisboa, Of. de António Pedrozo Galram, 1739.
- SILVA, Inocêncio Francisco da — *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VILHENA, Henrique de — José António Serrano, in «*Arquivos de Anatomia e Antropologia*», vol. IX.
- BLAKE, Sacramento — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, vol. V,

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

Vol. XXXVIII

N.º 2

DUAS OBSERVAÇÕES DE MÚSCULOS SUPRANUMERÁRIOS DO DORSO DA MÃO (1)

POR

LUIZ DE CARVALHO MARVÃO

2.º Assistente Interino de Anatomia da Fac. de Medicina do Porto

No decorrer do ano lectivo, por diversas vezes, os alunos, ao executarem os seus trabalhos de dissecação, notaram a frequência com que o sistema muscular do Homem se afasta da descrição clássica dos Tratados.

É naturalmente muito difícil fazer um estudo das variações de cada músculo pois a falta de material cadavérico para as demonstrações práticas de Anatomia é do conhecimento geral e, para que todos os alunos possam executar trabalhos de dissecação, aproveita-se a totalidade do material disponível, como por exemplo, cadáveres já autopsiados, membros amputados, e torna-se necessário que alguns cadáveres sejam por vezes mutilados e entregues as peças aos estudantes.

Muitos grupos musculares são destruídos ao executar-se a separação das peças e, outras vezes, o trabalho do aluno não incide sobre a miologia.

(1) Modesta homenagem à memória do Ex.^{mo} Sr. professor Doutor Hernâni Bastos Monteiro.

Não tem portanto qualquer valor estatístico as duas observações que vou apresentar. São formações musculares supranumerárias que os estudantes encontraram fortuitamente, e que, conforme as circunstâncias em que pude examiná-las, são mais ou menos completas as observações, sendo ambas relativas à face dorsal da mão.

— Não me foi possível, pelas razões já expostas, determinar o sexo e a idade dos portadores, embora possa afirmar que se trata de indivíduos de raça branca e de adultos.

Como no Museu do Instituto de Anatomia da nossa Faculdade só existe uma mão que apresenta formações musculares supranumerárias na sua face dorsal, procurei conservar estes dois exemplares no melhor estado possível. Assim, ao efectuar a dissecação para determinar as suas inserções, quando estas se começaram a confundir com outras fibras, servi-me do artifício de contornar as inserções com um delgado fio de cobre e radiografei a mão em seguida, obtendo uma imagem radiológica que mostra perfeitamente a localização das inserções nos ossos da mão.

OBSERVAÇÃO I

Mão esquerda. Apresenta um pequeno feixe carnudo e achatado na sua face dorsal, por diante dos diversos tendões extensores dos dedos e por detrás da aponevrose dorsal profunda.

Superiormente este pequeno músculo insere-se:

a) ao nível do carpo, na zona correspondente ao escafóide, semi-lunar, osso grande e trapezóide, por fibras tendinosas que se perdem nos diversos sistemas ligamentosos que unem estes pequenos ossos;

b) na cápsula da articulação do punho, insinuando-se como um tabique entre dois tendões do músculo extensor comum dos dedos, um que se dirige para o dedo médio e outro para o dedo indicador; tanto quanto

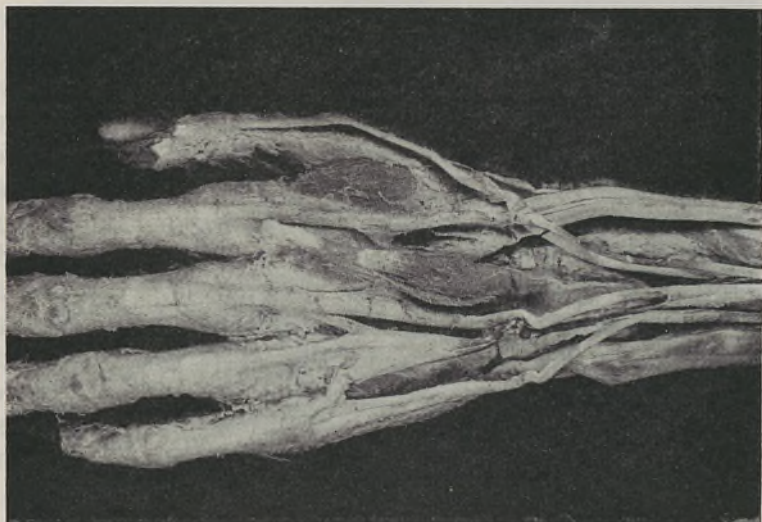


FIG. 1 — Observação I — Mão esquerda, que apresenta um pequeno feixe carnudo e achatado na face dorsal.



FIG. 2 — Radiografia da mão da Observação I mostrando as inserções ósseas do feixe muscular supranumerário.

pude observar, não se une ao ligamento anular posterior do carpo.

Desta zona de inserção, as curtas fibras tendinosas transformam-se em fibras musculares que se dirigem para baixo e para fora e a cerca de 4,5 cm. do bordo inferior do ligamento anular posterior do carpo dão lugar a uma lingueta tendinosa com a mesma orientação que se insere na parte mais interna da face posterior da extremidade inferior do segundo metacarpiano; vêmos as fibras deste tendão sobre a cápsula da articulação metacarpo-falângica do segundo dedo e sobre a extremidade superior, metade mais interna da face posterior da extremidade superior da falange do segundo dedo onde se unem às do tendão extensor do segundo dedo, proveniente do extensor comum.

OBSERVAÇÃO II

Mão direita. Apresenta um pequeno feixe carnudo e achatado situado por diante dos tendões extensores dos dedos e por detrás da aponevrose dorsal profunda.

Este pequeno músculo está situado por diante dum robusto tendão achatado que se dirige para o dedo médio e que tem origem no extensor comum dos dedos; este tendão oculta quase completamente o musculosinho que estou a descrever e inscreveu-lhe na sua face dorsal uma autêntica goteira.

Para observar a sua inserção superior tive de rebater o ligamento anular posterior do carpo e levantar os tendões do extensor comum dos dedos, após o que pude verificar, que o tendão do extensor próprio do indicador, relativamente muito delgado, está em contacto em cima com o bordo externo da massa muscular descrita e que, à medida que desce, dela se afasta, embora lhe continue unido por uma lâmina aponevrótica estreita e delgada

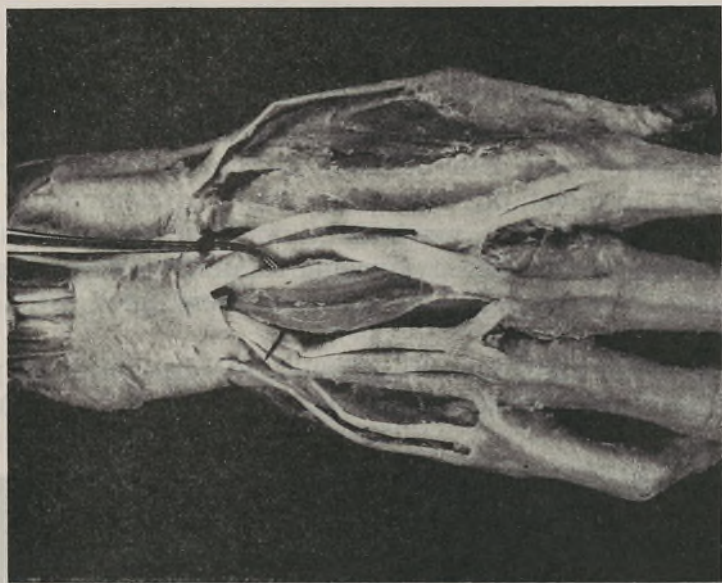


FIG. 3 — Observação II — Mão direita. Uma agulha de Cooper auxilia a evidenciar o feixe muscular supranumerário e o tendão em relação com o bordo externo feixe desse.

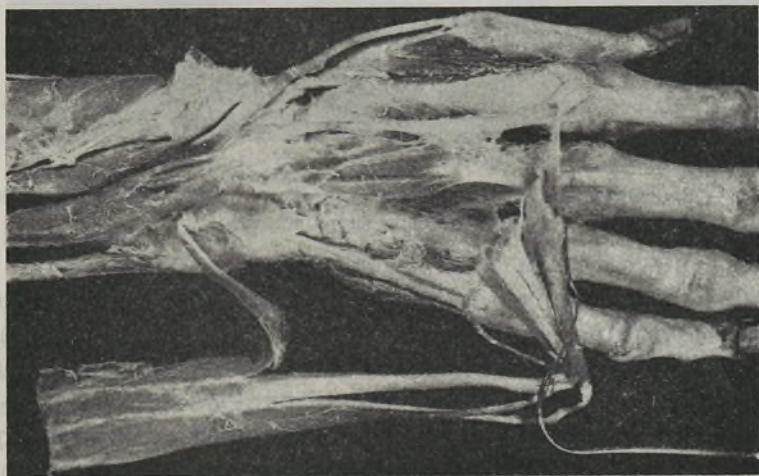


FIG. 4 — Observação II — Efectuou-se o rebatimento do ligamento anular posterior do carpo e afastaram-se os tendões do extensor comum dos dedos ficando em evidência uma pequena massa muscular supranumerária, cujo tendão terminal se dirige para o 2.º dedo e que externamente está em relação com o tendão do extensor próprio do indicador

que liga inferiormente o tendão, que surge na massa muscular, ao do extensor próprio do indicador.

Superiormente este pequeno músculo insere-se:

a) ao nível do carpo, na zona correspondente ao escafoíde, semi-lunar, piramidal, unciforme e osso grande, por fibras tendinosas e musculares que se perdem nos diversos sistemas ligamentosos que unem estes ossos do carpo;

b) na cápsula da articulação do punho, por debaixo do ligamento anular posterior do carpo com o



FIG. 5 — Radiografia da mão da Observação II mostrando as inserções ósseas do feixe muscular supranumerário.

qual não tem conexão, e onde o tendão do extensor próprio do indicador se coloca no seu bordo externo.

Desta zona de inserção as fibras musculares dirigem-se para baixo e um pouco para fora, situando-se na sua maior parte por detrás do 3.º metacarpiano, transformam-se a cerca de 4 cm. do bordo inferior do ligamento anular posterior do carpo num tendão que se insere na face posterior da extremidade inferior do 3.º metacarpiano; as fibras tendinosas recobrem a cápsula da arti-

culação metacarpo-falângica do dedo médio e imediatamente se unem ao tendão extensor com origem no extensor comum dos dedos.

Não menciono a irrigação e a inervação porque quando observei estes exemplares, já tinham sido despojados de vasos e nervos.

Nos Tratados Clássicos de Miologia lê-se que a região dorsal da mão está completamente desprovida de músculos intrínsecos.

Contudo quando os seus autores tratam dos músculos extensores dos dedos da mão ao mencionarem as respectivas variações, ou melhor, ao citarem os músculos extensores supranumerários dos dedos referem quase sempre um músculo a que chamam curto extensor dos dedos da mão ou manioso, por o considerarem homólogo do pedioso da região dorsal do pé.

O manioso é considerado muito raro embora conhecido desde há longa data. Na obra de LE DOUBLE. As Variações do Sistema Muscular do Homem pode ler-se:

«Ce Muscle (o manioso) ... était connu des anciens. Il est mentionné dans ALBINUS, OTTO, PESTCHE, SANDIFORT, SOEMMERRING, etc.»

O manioso é designado com diversos nomes consoante o autor, a maior parte refere-se-lhe como «extensor digitis brevis manum».

Os autores consultados consideram-no muito variável na sua forma, constituição e inserções. É descrito como um corpo carnudo ou tendinoso, achatado, cilíndrico, ou digástrico (TESTUT) que inferiormente termina em um ou vários tendões delgados.

As suas inserções superiores são muito variáveis, na maioria dos casos insere-se na face dorsal dos ossos do carpo em particular no escafóide, semi-lunar, piramidal e osso grande e nos diferentes ligamentos que unem estes ossos entre si; pode também tomar inserções nas

extremidades inferiores do rádio e do cúbito e no ligamento anular posterior do carpo.

As suas inserções inferiores são variáveis segundo o número de tendões que o músculo apresenta. A maioria dos casos registados refere um só tendão terminal, mas há casos com dois, três e mesmo quatro tendões, que se inserem em qualquer dos dedos, excepto o polegar. Quando existe um só tendão este insere-se, com raras excepções, no dedo indicador ou então no dedo médio.

Estes tendões terminam, de forma idêntica aos tendões do pedioso: fundem-se com os tendões do extensor comum dos dedos, quer directamente, quer por intermédio dos interósseos dorsais.

O manioso é inervado por ramúsculos do ramo posterior do nervo radial; sobre este ponto farei mais adiante algumas considerações.

A sua acção, segundo os autores consultados, será a de fazer a extensão das duas últimas falanges sobre a primeira.

Ao efectuar a pesquisa bibliográfica, além de consultar os tratados de Anatomia de TESTUT, PATURET, ROUVIÈRE, GRAY, etc., a obra de LE DOUBLE, sobre Variações Musculares no Homem, encontrei diversos artigos sobre Músculos supranumerários do dorso da mão, de TENCHINI, ORRUS, BANCHI, BROUNI, WEBER e COLIN, BARCLAY.

Na literatura médica portuguesa o Prof. J. A. PIRES DE LIMA relatou dois casos de maniosos bilaterais e dum só tendão, um caso para o dedo indicador e outro (que foi preparado pelo Prof. CARLOS RAMALHÃO, quando aluno), que se dirigia para o dedo médio; o Prof. VILHENA considera como maniosos simplificados uns feixes supranumerários anexos aos interósseos dorsais e por ele observados em dois cadáveres; o Prof. HERNÂNI MONTEIRO descreve dois casos, um deles dissecado em 1917 pelo Prof. FONSECA E CASTRO, quando frequentava, como estudante, a disciplina de Anatomia e outro, pelo então aluno, Dr. MÁRIO CARDIA, que foi encarregado no ano lectivo 1919-1920 de estudar este músculo nas mãos dos

cadáveres entrados no Teatro Anatómico; na observação do dorso da mão de 61 cadáveres encontrou um único exemplar, que segundo relata o Prof. HERNÂNI MONTEIRO foi guardado no Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina.

Todos os trabalhos mencionados são anteriores a 1920. Referências mais modernas são as de JONES, CAULDWELL, AWSON e WRIGHT, as dos indianos BHADKMKAR, A. R. e MYSOREKARUR e ainda os de BUNNELL, HOLLINSHEAD.

JONES refere uma observação operatória e cita no seu trabalho CAULDWELL, AWSON e WRIGHT que em 1943 publicaram um estudo sobre o extensor próprio do indicador no qual relatavam que em 263 cadáveres estudados tinham observado três formações musculares supranumerárias a que chamavam «extensor digitis brevis manum». Os indianos BHADKMKAR, A. R. e MYSOREKARUR, em 1960 descrevem dois casos encontrados durante a dissecação.

Na bibliografia consultada verifica-se existir uma discordância de opiniões sobre a homologia do manioso com o pedioso, pois há autores que pretendem que os feixes musculares supranumerários encontrados no dorso da mão são interósseos dorsais modificados ou feixes musculares acessórios dos interósseos dorsais. Esses autores dizem que embora o músculo se fixe na face dorsal do carpo sobre o piramidal (que é homólogo do calcâneo) ou num ponto muito próximo, a sua extremidade inferior nem sempre se fixa nos tendões do extensor comum dos dedos, muitas vezes vai-se inserir juntamente com o tendão do interósseo dorsal correspondente, o que não se verifica com os tendões terminais do pedioso que se inserem nos tendões do extensor comum dos dedos do pé, excepto o que se dirige para o dedo grande que termina na extremidade da primeira falange.

Ao analisarmos esta concepção, recordamos que os tendões dos interósseos dorsais da mão se dividem em duas porções, uma, a curta porção, que se vai inserir

na extremidade posterior e superior da primeira falange, e outra, a longa porção, que desdobrando-se numa lingueta fibrosa termina no tendão extensor correspondente, por conseguinte os tendões do manioso quando terminam nos tendões dos interósseos dorsais acabam por se inserir, embora indirectamente, no tendão do extensor comum.

Pretendem os mesmos autores fundamentar a sua opinião no estudo da inervação destes feixes musculares; contudo a maior parte das observações deste músculo, como as apresentadas por mim, são achados fortuítos nos Teatros Anatómicos em peças que não permitem uma pesquisa minuciosa da inervação.

BARCLAY fez um estudo sistemático, em 50 mãos, de músculos supranumerários do dorso da mão e da sua inervação, e relata que encontrou em 35 destas observações incorporados na folha aponevrótica média ou profunda do dorso da mão (descreve o autor três aponevroses dorsais, uma superficial, outra média, sendo esta sub-tendinosa e a terceira aderente aos músculos interósseos dorsais) vestígios fibrosos mais ou menos nítidos do curto extensor dos dedos informando também que a eles se dirigiam filetes do ramo profundo do nervo cubital.

Um autor italiano, BROUNI, tendo pesquisado num estudo de 108 mãos músculos supranumerários do dorso, encontrou três tipos de variações:

- 1) músculos derivados dos músculos extensores normais da mão, inervados pelo radial;
- 2) músculos derivados dos interósseos dorsais, inervados pelo cubital;
- 3) músculos que eram inervados pelo radial e cubital simultâneamente e que considera como tendo uma dupla origem, interóssea dorsal e nos músculos extensores normais.

Como se sabe, o exercício de certas profissões ou a prática de certos desportos podem originar deformações

especiais dos sistemas muscular e ósseo, resultantes da execução repetida e continuada dos mesmos movimentos. Todavia não encontrei qualquer nota bibliográfica que relacionasse o manioso com qualquer actividade específica.

Os feixes musculares supranumerários do dorso da mão nunca foram diagnosticados no vivo, como já têm sido observados diversos outros músculos supranumerários do homem como por exemplo um músculo pré-esternal e um arco axilar muscular observados no vivo pelos Profs. ABEL S. TAVARES e BÁRTOLO DO VALLE PEREIRA.

Os casos de BUNNELL foram achados operatórios e o caso relatado por JONES também; neste último caso a tumefacção existente no dorso da mão tornava-se dolorosa após trabalho intenso da mão e estava a aumentar de volume, tendo sido operada com o diagnóstico estranho de adenopatia.

O dorso da mão é facilmente palpável e todos os dias são observadas numerosíssimas mãos pelos mais diversos motivos, traumatismos, feridas, infecções, etc., e penso que o facto de não ter sido publicada nenhuma observação no vivo estará relacionado com a sua raridade, com o seu pequeno volume, como nunca ter sido efectuada uma pesquisa sistemática no vivo e até com a circunstância dos clínicos não se lembrarem da sua existência.

*Trabalho do Instituto de Anatomia
do Prof. J. A. Pires de Lima.*

Director: Prof. ABEL S. TAVARES.

BIBLIOGRAFIA

- BANCHI — Un muscolo manidia a due fasci — *Monit. Zool. Ital.*, 16, 138, 1905.
- BARCLAY, SMITH E. — Some points in the anatomy of the dorsum of the hand with special reference to the morphology of the extensor brevis digitorum manus. — *J. Anat. and Physiol.*, 31, 45, 1896.
- BHADKMKAR, A. R. e MYSOREKARUR J. *Anat. Soc. INDIA*, 1960 — EXCERPTA MEDICA — 1962.
- BRUNI — Recherche sui muscoli supranumerarii del dorse della mano nell uomo — *Arch. per le Scienze medich*, vol. 30, 1907 (citado no *Monit. Zool. Ital.* 18, 165, 1907).
- BRUNNELL — *Surgery of the hand* — 2.^a ed., Revista por J. H. Boyes.
- HENRIQUE VILHENA — Observações anatómicas — *Arq. Anat. Antropol.* vol. I n.º 1, Lisboa, Outubro, 1912.
- HERNÂNI BASTOS MONTEIRO — A contribuição portuguesa para o estudo das anomalias musculares (revista crítica), *Portugal Médico* — 3.^a série, vol. 10, n.º 1 e 2, 1918.
- — *Notas anatómicas* — *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. V, 1919.
- — *Notas Anatómicas (XXXIV-XLVII)*, *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, 1920.
- HERNÂNI BASTOS MONTEIRO — *O Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto* — 1921.
- HOLLINSHEAD — *Anatomy for Surgeons*, 1958.
- LE DOUBLE — *Traité des Variations du Système Musculaire de l'Homme*, Paris, 1897.
- ORRU, E. — Su di un muscolo supranumerario e sulla disposizione della aponevrosi dell dorso della mano nell'uomo. *Monit. Zool. Ital.*, 13, 84, 1902.
- PATURET, G. — *Anatomie Humaine*, 1.^a ed.
- PIRES DE LIMA (J.A.) — Algumas observações de anomalias musculares — *Anais da Faculdade de Med. do Porto*, vol. 1, n.º 1, 1913. Cit. por Hernâni Monteiro.
- — *Nova Série de Observações Portuguesas de Anomalias Musculares*. *Arq. de Anatomia e Antropologia*, vol. 1-1912-1914.
- TENCHINI — Di un nuovo muscolo sopranumerario della regione posteriore dell'antibraccio umano (m. extensor digiti indicis et medii) consociato ad fascicolo manidio, *Monit. Zool. Ital.*, 13, 57, 1902.
- TESTUT, L. — *Anatomia Humana*, IX ed. (Trad. Espanhola).
- VALE PEREIRA, B. e SAMPAIO TAVARES, ABEL — Sobre um caso de coexistência dum musculo pré-esternal e do arco axilar muscular (observação no vivo) — *Clín. Contemp.* 1, 526, 1946.
- WEBER & COLLIN — Observation de chefs accessoires des interosseux dorsaux de la main chez l'homme. *Bibliogr. Anat.*, 1905.

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

Vol. XXXVIII

N.º 3

CONJUNTO RARO DE MALFORMAÇÕES NUM FETO HUMANO *

POR

NUNO RODRIGUES GRANDE

1.º Assistente da Faculdade de Medicina do Porto,
em Comissão de serviço nos Estudos Gerais Universitários de Angola

Se as malformações congénitas interessaram sempre os biólogos, a experiência universal da talidomida veio dar acuidade ao conhecimento da etiopatogenia daquelas malformações, valorizando a fisiologia das relações materno-fetais. Por isso, a análise cuidadosa de cada caso deixou de ser especulação puramente descritiva para se tornar tema de um capítulo da Medicina cuja metodologia imbrica vários planos de observação, da embriologia à deontologia, da experimentação à medicina sanitária.

A Teratologia deve ter uma visão universalista do aspecto médico da verdade biológica, procurando no estudo das monstruosidades estabelecer as leis do esquema geral da evolução ontogénica e conhecer os factores que as podem contrariar, para fazer a profilaxia dos seus efeitos.

* Trabalho realizado sobre uma observação feita no Laboratório de Anatomia Normal Humana dos Estudos Gerais Universitários de Angola.

Foi nesta atitude de pensamento que procurei estudar o feto que vou descrever:

I — HÁBITO EXTERNO

- Comprimento* — do vértex à tuberosidade interna do calcâneo — 386 mm.
- Peso* — à chegada ao laboratório, após 36 horas de nascimento — 1 kg.
- Cabeça* — Hipertelurismo (fig. 1). Orelhas grandes e de implantação baixa (fig. 2).
- Pescoço e Ráquis* — Configuração normal.
- Tórax* — grande diâmetro transversal da base.



FIG. 1 — Fotografia da face do feto — Note-se o hipertelurismo

Abdómen

— dilatação globulosa; implantação do cordão desviada para a direita da linha média (fig. 2).

Bacia

— ausência de ânus (fig. 3), tubérculo genital cônico (fig. 4).



FIG. 2 — Visão de conjunto da face ventral do feto. Podem ver-se as seguintes malformações: implantação baixa do pavilhão auricular; valgismo cubital do membro superior direito; abdómen globuloso com desvio da implantação do cordão umbilical para a direita; pé varo bilateral; varismo do halux direito; ausência de um dedo no pé esquerdo; clinodactilia do último dedo deste pé.



FIG. 3 — Aspecto do períneo. Ausência de anus.



FIG. 4 — Órgãos sexuais externos com a forma de tubérculo genital cônico. Fenda no vértice.



FIGS. 5 e 6 — Mãos «papudas» com pregas de flexão normais

Membros superiores — valgismo cubital do membro superior direito (fig. 2). Mãos «papudas» tendo, todavia, as pregas de flexão bem marcadas (figs. 5 e 6).



FIG. 7 — Vista de conjunto dos pés. Realce das malformações descritas na Fig. 2

Membros inferiores — pé varo bilateral. Varismo muito acentuado do Halux direito. Ausência de um dedo no pé esquerdo com clinodactilia do último dedo (fig. 7).

II — HÁBITO INTERNO

a) *Após celiotomia média*

Tumefacção volumosa que ocupava a linha média do andar infra-mesocólico e à qual adería a veia umbilical (fig. 8). Esta massa era constituída por uma bolsa que se continuava com a porção terminal do intestino



FIG. 8 — Fotografia do feto após celiotomia anterior. Verifique-se a existência de uma massa tumoral situada no andar inframesocólico do abdómen, que corresponde à cloaca. Nota-se que a disposição do tubo digestivo é já a habitual.

grosso. Todo o aparelho digestivo estava já na posição definitiva. Havia um baço supranumerário (fig. 9), e ausência de qualquer estrutura na loca renal. Mantinha-se a comunicação interventricular na porção superior



FIG. 9 — Baço com vários incisuras e um supranumerário

do septo, como se pode verificar pela moldagem-corrosão das cavidades cardíacas (fig. 10).

O estudo macroscópico da bolsa não revelou qualquer septação (fig. 11). Ao lado desta bolsa, havia duas pequenas massas, de 1 cm. de diâmetro, cujo estudo histológico mostrou tratar-se de testículos, numa fase primária do desenvolvimento (fig. 12).

b) *Após estudo radiográfico*

O estudo radiográfico da bolsa, após injeção de Vasurix a 25% na última parte do intestino grosso, revela



FIG. 10 — Fotografia de um molde das cavidades cardíacas. A seta indica a comunicação interventricular

comunicação franca do colon com a bolsa, sem comunicação desta com o esboço falico (fig. 13) A e B). A radio-

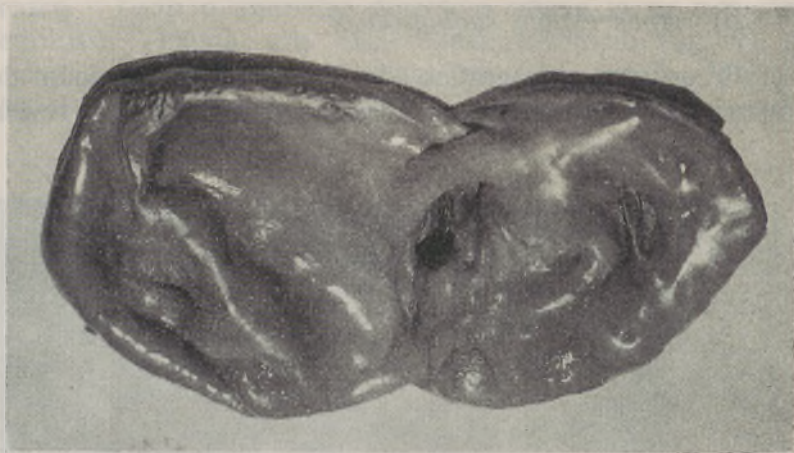


FIG. 11 — Aspecto da cloaca aberta segundo um dos diâmetros. Ausência de septação.

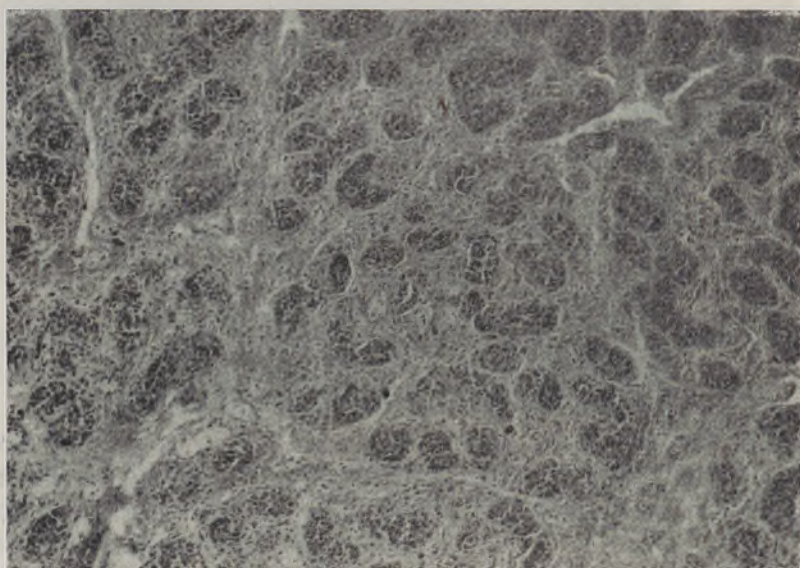


FIG. 12 — Corte histológico de testículo. (*Bouin*, H.E., 60 diâmetros). É possível verificar a existência de cordões seminíferos dispersos em tecido conjuntivo denso.

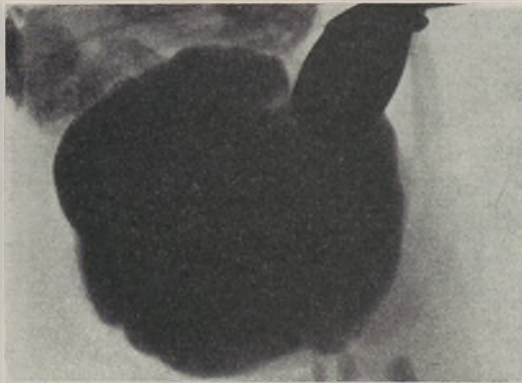


FIG. 13 — Radiografia obtida após a injeção de Vasurix a 25%, na porção terminal do colon. A cloaca preencheu totalmente e não há comunicação com o tubérculo genital. No perfil verifica-se independência da coluna.

grafia do esqueleto mostra espinha bífida anterior em L₁ e ausência do ponto de ossificação do astrágalo (fig. 14 A e B).

III — HISTÓRIA CLÍNICA DA GESTAÇÃO

Pais de raça branca, adultos jovens, sendo a mãe primípara.

Gestação sem incidentes clínicos marcados.

Estudos laboratoriais nada revelando de anormal.

Medicação usada até ao momento do parto:

No 1.º mês — alilestrenol (Gestanon) e complexos vitamínicos.

Nos restantes meses — Clorodiazepóxido (Librium), anti-espasmódicos (Hiosciamina), cloromicetina, camoprina e cloroquina.

Parto prematuro, entre sete e oito meses de gestação, contados a partir das últimas regras e confirmado pela reacção de Galli-Mainini, aos 45 dias.

A mãe refere ter tido, na 7.ª semana de gravidez, contacto com uma família que teve uma virose (não esclarecido o grupo); mas não tendo tido ela própria sinais clínicos da doença.

Refere ainda ter uma sobrinha que nasceu com uma fístula perineal que foi corrigida cirurgicamente.

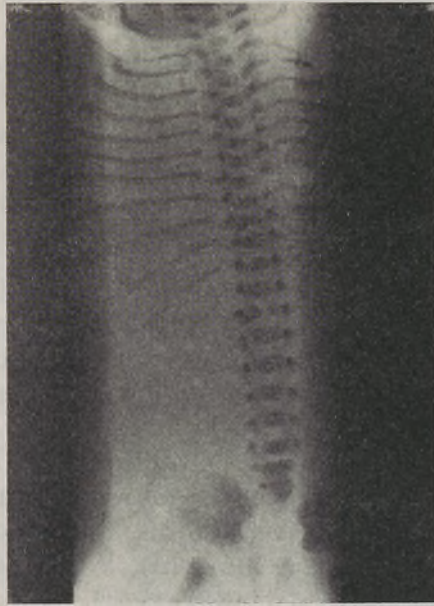


FIG. 14 — Radiografia do esqueleto. *A* — Coluna vertebral — Diplospondilia de L₁
B — Ausência do ponto de ossificação do astrágalo. Ausência do esqueleto do
 último metatarsiano e correspondente dedo do pé direito

DISCUSSÃO

1 — IDADE FETAL

A idade obstétrica, (contada desde a data possível de fecundação), seria de 7 para 8 meses. Entrando em linha de conta com o comprimento, e fazendo a aplicação da fórmula de SCAMMON e CALKINS (1) para períodos inter-lunares de 28 dias, que são característicos da fisiologia sexual da mãe do feto em estudo, verifico concordância com aquela idade (7,1). Aplicando a fórmula de MALL (2), aproxima-se também deste valor (7,3). O paralelo entre o comprimento do feto e a idade obstétrica possível concorda com os valores apontados por MALL, referido por CORREIA DA SILVA (3), WILLIS (4), HAMILTON e cols. (5), PATTEN (6) e HARRISON (7).

No entanto, o estudo das diversas anomalias demonstra que houve paragem do desenvolvimento nalguns departamentos orgânicos, já em períodos muito precoces da evolução.

2 — ANÁLISE CRONOLÓGICA DAS MALFORMAÇÕES

A causa ou as causas que determinaram o aparecimento deste conjunto de malformações começaram a exercer os seus efeitos nas primeiras semanas de vida embrionária. A bolsa que encontrei no abdómen corresponde à cloaca, antes da septação. Ora para JORDAN e KINDRED (8), o septo urogenital aparece entre a 4.^a e 5 semanas. BRENNER (9) e WILLIS (4) afirmam que esta septação começa na 5.^a semana. Da mesma maneira, NARBAITZ (10), ao analisar a anatomia do embrião, descreve o início da divisão da cloaca na 5.^a semana.

HAMILTON e col., pensam que o septo urogenital chega ao contacto com a membrana cloacal em embriões de cerca de 16 mm. (altura-sentado vértex-coccix) o que corresponde a 5-6 semanas. Como a membrana cloacal ficou indivisa, não é possível demarcar as membranas urogenital e anal; a membrana anal não deu origem ao proctodeum e não há comunicação entre a cloaca e o tubérculo genital. Deste modo, concluo que a paragem do desenvolvimento dos derivados da cloaca se verificou pela 5.^a semana, pois corresponde ao aspecto descrito por todos os autores, nesta fase do desenvolvimento.

É facto muito importante, neste feto, a agenesia renal bilateral, que segundo POTTER (11) justifica o facies em que aparecem, o hipertelurismo e a implantação baixa dos pavilhões auriculares, descritos também no caso presente. É sabido que do holonefros, em tempos sucessivos vão aparecer o pronefros, mesonefros e o metanefros. O pronefros, segundo TORREY (12) começa cerca do embrião de 8 somitos (22-23 dias) e prolonga-se até ao fim do período somítico (cerca de 30 dias). Antes de desaparecerem os derivados pronéfricos, aparecem então os primeiros elementos mesonéfricos (HAMILTON e col.) de que resultará o canal de Wolff, que abre na parte urogenital da cloaca. Por sua vez, é do epitélio celómico e da porção mais interna do mesênquima mesonéfrico, sob possível determinismo dos gonócitos primários, que se inicia o esboço gonádico. Todavia, embora os testículos encontrados neste feto revelem, portanto, incontestável presença de um derivado mesonéfrico, não me foi possível demonstrar a existência de nenhum derivado do canal de Wolff. Ora AUER (13) referido por HARRISON, já em 1947 afirmou que o tubo mesonéfrico é indutor do ureter e do rim, este derivado do blastema metanéfrico. Assim se pode explicar no caso presente a agenesia renal bilateral, por falta dos derivados wolffianos, seus indutores.

A «pars membranacea» do tabique interventricular

do coração, que se forma cerca da 8.^a semana de vida intra-uterina, não chegou a completar-se. Tanto quanto o estudo do molde me pôde indicar, a divisão do bolbo arterial fez-se normalmente. Todo o restante sistema arterial e venoso me pareceu organizado, persistindo os vasos umbilicais.

As malformações encontradas nos membros foram consequência de uma alteração do mecanismo normal de organização esquelética, por efeito de causas actuando antes da 8.^a semana, pois nesta altura já todos os modelos dos pequenos ossos estão organizados (PATTEN). Ora, neste feto, não se constituíram o conjunto de um metatarsiano e falanges, correspondentes a um dedo do pé esquerdo.

Quero ainda mencionar que a dissecação dos músculos da planta do pé direito revelou que o flexor peroneal existia, mas confundia o tendão terminal com o do flexor tibial o que justifica a posição em varismo do halux correspondente, que fugiu à acção daquele músculo.

ETIOPATOGENIA

Num conjunto de malformações atingindo vários sectores é de considerar como etiologia muito provável o factor genético.

Todavia, por falta de meios técnicos, não pude estudar o cariotipo do feto ou dos pais. Realço, contudo, o aparecimento de uma fístula perineal congénita num elemento familiar da mesma linha de descendência (prima, pelo lado materno).

Na trissomia 17-18, na trissomia D, ou síndrome de Kundrat, e no síndrome de Down, ou trissomia 21, descrevem-se malformações esqueléticas, cardíacas e urogenitais, aparecendo simultâneamente (SMITH (14)), mas a

associação que descrevi no presente feto não é referida em nenhuma daquelas circunstâncias. Por outro lado, a acção teratogénica dos medicamentos tomados pela mãe até ao fim do 2.º mês é muito discutível. KARNOFSKY (15) menciona um caso em que se associa a agenesia renal e a espinha-bífida por acção de uma amino-acridina (Quina-crina). Ora os antipalúdicos de síntese que poderiam ser responsabilizados no caso presente são de um grupo químico diferente (amino-quinoléínas), que se usam com uma certa frequência nas zonas infectadas pelo Plasmódio. Para aceitar essa acção, terei que considerar um factor idiossincrásico materno.

Experimentalmente, tem-se provocado interrupção do crescimento normal em alguns departamentos orgânicos, com excesso de certas vitaminas, aliás como com as deficiências destes elementos. São particularmente bem conhecidos os efeitos do excesso de vitamina A, estudados por GIROUD e col. (16). De modo algum se podem tornar extensivos ao caso presente, os resultados obtidos por estes autores, no ratinho, no rato e no coelho, em circunstâncias experimentais não reproduzindo o ambiente nutricional humano. Por outro lado, as doses de compostos vitamínicos que a mãe tomou, tal como pude apurar, foram sempre dentro dos limites terapêuticos estabelecidos.

São ainda descritos efeitos teratogénicos dos esteroides sobre o feto humano e dos animais de laboratório (vários autores mencionados por CAHEN (17)). Também se aponta acção semelhante a certos antibióticos (FILIPPI e col. (18)), TUCHMANN-DUPLESSIS e col. (19)) e tranquilizantes (vários autores referidos por CAHEN (16)). Na bibliografia que consultei não encontrei contudo referência directa à acção do alilestrol, da cloromicetina e do clordiazepóxido, que estiveram no esquema terapêutico dos primeiros 2 meses de gestação do caso em estudo.

Deste modo não tenho elementos para considerar

que as malformações descritas sejam atribuíveis à teratogenicidade de qualquer medicamento.

Finalmente, o contacto da mãe com doentes portadores de uma possível virose, fez-se pela 7.^a semana, quando a causa determinante da perturbação do esquema embriológico normal começou a actuar pela 5.^a semana. Por outro lado, a mãe refere não ter tido clinicamente a doença, o que, no conjunto, exclue a possibilidade de ser um virus o agente etiológico responsável.

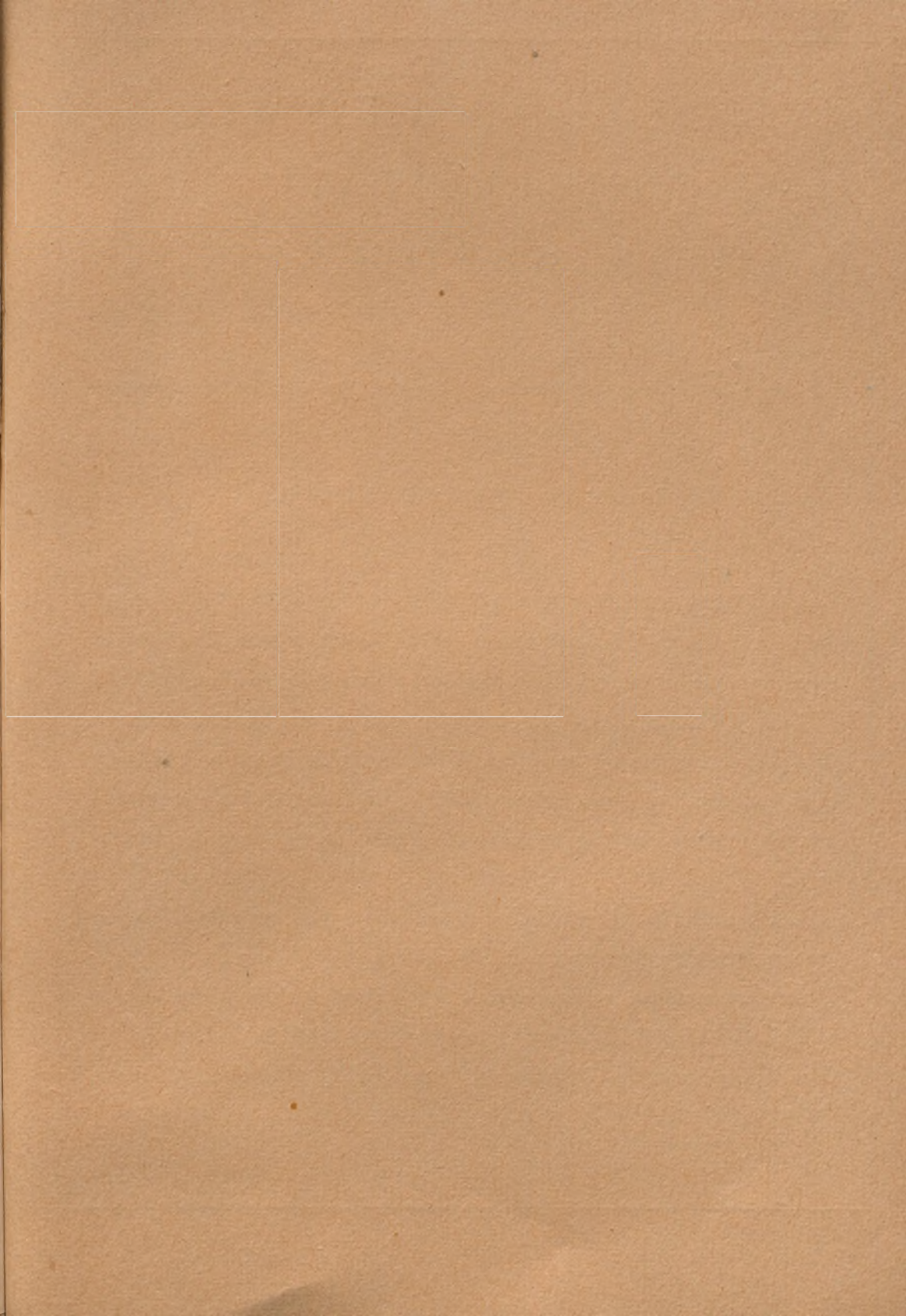
Foram os derivados da mesoderme que sofreram a patogenicidade da causa actuante, atingindo a porção paracordal, (septo interventricular, coluna vertebral), a intermediária (aparelho urinário e septo urogenital) e derivados da somatopleura (esqueleto dos membros).

CONCLUSÃO

Trata-se de um conjunto de malformações, raramente associadas por acção de uma causa indeterminada sobre derivados da mesoderme, iniciando-se a perturbação do esquema ontogénico normal cerca da 5.^a semana de gestação.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — SCAMMON e CALKINS — ref. dor Jordan e Kindred (8).
- 2 — MALL — ref. por Correia da Silva (5).
- 3 — CORREIA DA SILVA, J. P. M. — Malformações congénitas múltiplas num feto.
I — Malformações dos membros. *O Médico*, 15: 6-19, 9164.
- 4 — WILLIS, R. A. — *The borderland of embryology and pathology*. Ed. Butterworths, Londres, 1962.
- 5 — HAMILTON, W. J., BOYD, J. D. e MOSSKAM, H. W. — *Human Embriology*. Ed. W. Heffer and Sons, Ltd. Cambridge, 1959.
- 6 — PATTEN, B. M. — *Human embriology*. Ed. Mc Graw-Hill Book C.^a INC. Londres, 1953.
- 7 — HARRISON, R. C. — *A textbook of humain embrioly*. Ed. Blackwell Scientific
- 8 — JORDAN, H. E. e KINDRED, J. E. — *Textbook of embriology*. Ed. Appleton-Century, C.^a. Londres, 1948.
- 9 — BREMER, J. L. — *Congenital anomalies of the viscera*. Ed. Haward University Press. Cambridge, 1957.
- 10 — NARBAITZ, R. — *Embriologia*. Ed. Medica Panamerica. Buenos Aires, 1965.
- 11 — POTTER — ref. por Nelson, W. E. — *Textbook of pediatrics*. Ed. W. B. Saunders, C.^a. Filadelfia, 1964.
- 12 — TORREY — ref. por Harrison.
- 13 — AUER — ref. por Harrison.
- 14 — SMITH, D. W. — The n.^o 18 trisomy and D¹ trisomy syndromes. *Pediatric Clinics of North America*. Vol. 10, n.^o 2, 389, 407, 1963.
- 15 — KARNOFSKY, D. A. — Drugs as teratogens in animals and man. *Annual Review of Pharmacology*. Vol. 5, 447-465, 1965.
- 16 — GIROUD, A. et MARTINET, M. — Tératogénèse par hypervitaminose A chez le rat, la souris e le lapin. *Arch. Franc. Pédiat.*, Ô6- 1-5, 1959.
- 17 — CAHEN, R. L. — Evaluation of the teratogenicity of drugs. *Clinical Pharmacology and Therapeutics*. Vol. 5: 4, 480-514, 1964.
- 18 — FILIPI, B. e MELA, V. — Malformazioni congenie degli arti olterente sperimentalmente in embrioni di ratto in seguito a trattamento com penicillina e streptomicina. *Minerva Chir.*, 12: 1047-1052, 1957.
- 19 — TCHMANN-DUPLESSIS, H. et MERCIER-PAROT, L. — A propos de l'action téatogène de l'actinomycine. *Com. rend. Soc. Biologique*, 153: 1697-1700, 1960.



FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

(Propriété du Laboratoire d'Anatomie et de l'Insitut d'Histologie et d'Embryologie)

EDITEUR: PROF. MAXIMINO CORREIA

Les FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS publient des mémoires originaux et des études d'Anatomie descriptive et topographique, d'Anatomie pathologique, d'Histologie et d'Embryologie.

Les FOLIA rédigées en portugais sont suivies d'un résumé en français, en anglais ou en allemand, au choix de l'auteur. Les fascicules contenant, une ou plusieurs FOLIA, paraissent au fur et à mesure que les articles sont imprimés, d'après l'ordre de réception des manuscrits.

Les manuscrits adressés a la rédaction ne sont pas rendus à leurs auteurs même quand ils ne sont pas publiés.

Les communications concernant la rédaction et l'administration des FOLIA ANATOMICA doivent être adressées à M. le Prof. Maximino Correia, Laboratoire d'Anatomie, Faculté de Médecine, Coïmbra, Portugal.